

Palocci diz que política econômica evita *desastre*

LAURO RUTKOWSKI E
DENISE ROTHENBURG
DA EQUIPE DO CORREIO

Pressionado pelos partidos aliados e pelo próprio vice-presidente José Alencar para mudar a política econômica, o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, levou uma mensagem clara aos congressistas: "Os pilares da economia não vão, não podem e não devem mudar. Todas as vezes em que o Brasil queimou etapas, os efeitos foram desastrosos". Nas seis horas e vinte e um minutos em que fez uma exposição na Comissão de Assuntos Econômicos do Senado, Palocci tentou eliminar a impressão de que o governo está paralisado. Afirmou que a dívida pública foi reduzida e que foram criados 775 mil empregos em 2003.

Palocci foi incisivo ao reafirmar o compromisso do governo em manter o superávit primário de 4,25% do Produto Interno Bruto (PIB), em não elevar a carga tributária e a intenção de não buscar um novo acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Saiu com o apoio de todos os partidos da base aliada presentes (o PL não compareceu) e uma cena inédita: o apoio explícito dos presidentes do Senado, José Sarney (PMDB-AP), e da Câmara, João Paulo Cunha (PT-SP), que foram à comissão abraçá-lo.

"É um gesto de apoio ao ministro e ao trabalho que ele vem desenvolvendo. Tenho a certeza de que o Brasil vai continuar no caminho do crescimento. Agora, não dá para mudar, mas, no futuro, com condições, poderá mudar", disse Sarney, que viveu a experiência de um governo com crescimento econômico de 5% ao ano e baixos índices de desemprego, apesar da inflação alta.

Desta vez, o desafio do governo, nas palavras de Palocci, é pro-

mover o desenvolvimento, mantendo a estabilidade econômica com metas de inflação baixas. "Talvez seja um curso um pouco lento, mas vamos dar às futuras gerações um país que não tem que se preocupar dia e noite com dívida", comentou ele.

Diante dessa perspectiva, o líder do PMDB, Renan Calheiros (AL), propôs um pacto entre os partidos para buscar saídas que permitam o crescimento sem prejudicar os pilares econômicos sustentados pelo ministro. "Não é fácil botar os partidos juntos para discutir isso, mas temos que encontrar meios de aumentar o poder de compra dos salários, num grande pacto em defesa do país", disse, numa proposta prontamente encampada por Palocci.

As frases do vice José Alencar, que reclamou da política de juros, foram citadas pela oposição. Sobre as divergências no governo em relação à política econômica, Palocci mostrou compreensão: "Triste do governo que não tem visões diferentes. José Alencar é um homem inte-

gro, que se preocupa, insiste na responsabilidade fiscal e fez uma insistente proposta para que baixemos os juros. É uma contribuição sadia. A vontade vem de um lado e a responsabilidade do outro. Acho que vamos chegar lá."

Repercussão

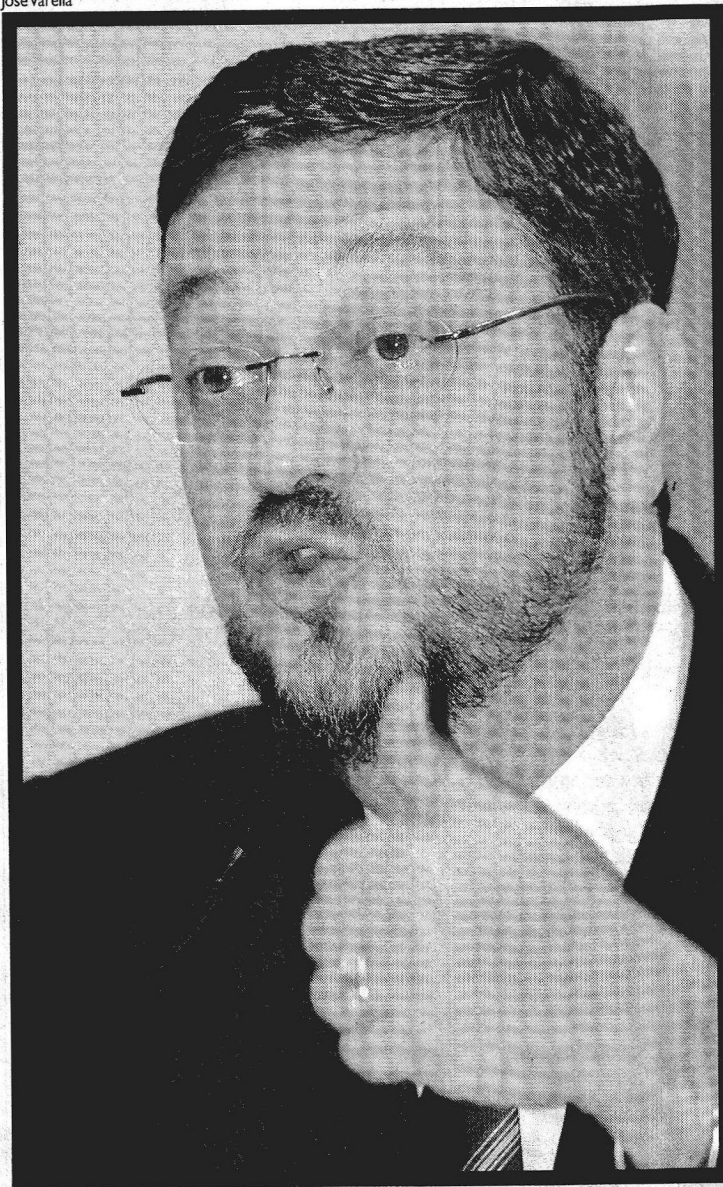
Impulsionada pela fala de Palocci, a Bovespa registrou ontem alta de 2,38%, fechando a 22.042 pontos. O volume de negócios atingiu R\$ 961,88 milhões. O risco Brasil caiu 2,79%, a 556 pontos. O C-Bond (principal título da dívida externa negociado no exterior) subiu 0,90%, sendo negociado a 97,375% de seu valor de face.

Economistas disseram que a reafirmação veemente de com-

“
OS PILARES DA ECONOMIA NÃO VÃO, NÃO PODEM E NÃO DEVEM MUDAR
”

Antonio Palocci,
ministro da Fazenda

José Varella



PALOCCI: GOVERNO MANTERÁ SUPERÁVIT EM 4,25% E ESPERA SE LIVRAR DO FMI

promissos de responsabilidade fiscal mostrou que o governo Lula tem rumo certo na política econômica. "Algumas nuvens pretas foram dissipadas. A política econômica será a mesma do governo anterior, com uma diferença: o Palocci é um Malan mais simpático", diz Sérgio Lima, da Mellon Global Investment, referindo-se a Pedro Malan, antecessor do petista na Fazenda.

"Havia dúvidas sobre o cumprimento da meta de superávit por causa do resultado ruim das estatais. O ministro conseguiu convencer de que o fenômeno é passageiro e ocorreu por causa de pagamentos de tributos e divi-

dendos em janeiro e fevereiro", afirmou Alexandre Santana, da ARX Capital Management.

"O mercado percebeu que ali existia um ministro forte, apesar das críticas que tem recebido", avaliou Alexandre Maia, da GAP Asset Management, que também destacou a forma segura com que Palocci se dirigiu aos senadores por horas a fio. Para o presidente do Conselho Regional de Economia, Roberto Piscitelli, o depoimento serviu apenas para mostrar falta de criatividade dos economistas. "Há um pensamento hegemônico de que tudo se resolve com superávit, com controle de caixa. É uma doutrinação."